



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADRIANA BERLEZE

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E- 215

Entrevistado: Adriana Berleze

Nascimento: 13/06/1969

Local da entrevista: Sede do Projeto Quero-Quero na ESEF

Entrevistador/a: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 11/06/2011

Transcrição: Rangele Guimarães Viegas da Silva

Copidesque: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Pesquisa: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Total de gravação: 21 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BERLEZE, Adriana. *Adriana Berleze (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011

Sumário

Estruturas e Parcerias iniciais; Funcionamento, Atividades e Bolsistas; Contato com os outros departamentos; Atividades oferecidas; Fins e Inícios de Parcerias; Tipos de atendimentos; Materiais; Horários e rotina; Formação e funcionamento dos professores bolsistas; Reuniões e Planejamento; Pontos positivos da mudança de parceria; Cumprimento do objetivo de inclusão social do PST; Pontos negativos do Programa; Sede e surgimento do Projeto; Entrada no projeto; Apoio dos coordenadores anteriores; Parcerias com outros cursos; Funcionamento nas férias; Ampliação do espaço.

M.F. – Adriana, eu gostaria de conversar com você a respeito da sua relação com o Projeto Quero-Quero, mas especificamente, como que foi a história do Quero-Quero, o que você pode dizer assim para a gente do início, como começa esse projeto, como funciona?

A.B. – O Projeto Quero-Quero começou no ano 2003 - 2004 com uma parceria entre a ESEF e o Instituto Ayrton Senna. Com o passar do tempo, o Instituto começou a ter muitas dificuldades para manter os projetos sociais e perdemos nossa parceria. Em 2009 começamos a buscar novas parcerias e foi então que conseguimos essa parceria com o Ministério dos Esportes com o programa Segundo Tempo.

M.F. – Quando vocês tinham a parceria como é que ele começou, com quantas atividades, como que é a relação da participação de bolsista, se era bolsista ou não, os alunos, como é que era toda esta logística de funcionamento?

A.B. – Em termos estruturais e administrativos nós temos um coordenador geral, um coordenador pedagógico, dois coordenadores de sub-núcleos, dois bolsistas segundo tempo, duas bolsas de extensão, voluntários e atualmente nós temos estagiários do curso de bacharelado e bolsas SAE¹. Nós começamos mais ou menos em 2003 para 2004 com cinco integrantes e agora nossa equipe é formado por aproximadamente quinze pessoas. O projeto começou com parcerias de vários outros cursos, como se fosse um guarda-chuva, com os cursos de Artes, Nutrição e Psicologia. De lá para cá alguns parceiros foram saindo, atualmente o nosso único parceiro é o curso de Psicologia. Nós temos então um psicólogo e dois estagiários em psicologia que dão apoio para nas aulas de educação física, tentando resolver dificuldades de relacionamentos entre os colegas e condutas inesperadas de algum participante. Sendo que a família também pode recorrer a esse grupo de psicólogos.

M.F. – E isso tinha antes com Artes também?

A.B. – Esse apoio da psicologia sempre teve.

¹ Secretaria de Assuntos Estudantis.

M.F. – E como era essa relação, era direto com o outro departamento? Dos cursos diferentes?

A.B. – Sim, direto com o departamento, era com convite para cada curso que quisesse se agregar. Tínhamos uma coordenação específica para cada área. Atualmente nós temos: Os esportes coletivos, os esportes individuais, o grupo da Psicologia e a informática aos sábados.

M.F. – Eles têm informática aonde aqui?

A.B. – No LIEF² aos sábados, toda a manhã.

M.F.. – E quem orienta? São os alunos da onde?

A.B. – Uma professora voluntária na área da informática.

M.F. – Este é o formato que vem sendo até hoje?

A.B. – Sim, os alunos tem a obrigatoriedade de participar de no mínimo de dois esportes coletivos e um individual. Atualmente temos as modalidades de futsal, basquetebol, handebol, tênis, natação e atividades de autoconfiança que incluem atividades de ginástica artística e lutas.

M.F. – Esse projeto foi o plano inicial quando tinha uma parceria vinculada ao Instituto Ayrton Senna. E quando é que deixou de ter a parceria?

A.B. – Em 2008. Final de 2008 o Instituto infelizmente encerrou nossa parceria.

M.F. – E ai que se estabeleceu com o Segundo Tempo. E vocês começaram com o Segundo Tempo com essa mesma estrutura ou a partir daí, o que vai mudar então?

² Laboratório de Informática da Educação Física

A.B. – Sim, continuamos com a mesma estrutura, nós trabalhávamos com os pilares da educação da criança baseados pela UNESCO³, e estamos dando continuidade ao nosso projeto pedagógico.

M.F. – São sete pilares? Aprender, ser...?

A.B. – São 4 pilares, aprender a conhecer, a conviver, a fazer e a ser.

M.F. – Como que vocês estabeleceram este vínculo com o PST? Bom a partir da organização, da direção...

A.B. – Bom quando a gente perdeu o vínculo com o Instituto Ayrton Senna, a grande pergunta era: como vamos nos manter? Começaram então os contatos aqui mesmo na ESEF, na sede do Segundo Tempo. A nossa maior preocupação sempre foi em não fechar o projeto que atende...

M.F. – Atendia quantas crianças?

A.B. – Em 2003 começou com trinta crianças.

M.F. – No entorno da ESEF⁴? Como que elas chegaram até o projeto?

A.B. – Com muita divulgação nas escolas próximas a ESEF. Hoje nós atendemos em média de duzentas crianças, oscila muito esse número, as crianças faltam bastante, principalmente em dias de chuvas, pois não temos lugar apropriado para a prática esportiva

M.F. – Que é o contra-turno da escola delas.

A.B. – Isso, a participação da criança é no turno inverso ao da escola. Além do atendimento direto as nossas crianças, nós temos sub-projetos como por exemplo: Projeto Recebendo a Comunidade, onde recebemos alunos de escolas públicas próximas da ESEF,

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

⁴ Escola Superior de Educação Física

Projeto Recendo um Amigo na Semana da Criança, onde cada participante pode trazer um amigo ao projeto, Projeto Indo à Escola, onde fizemos oficinas com práticas motoras variadas, entre outros projetos de atendimento indireto.

M.F. – Que é uma maneira de divulgar o projeto...

A.B. – De divulgar e também acreditamos que é uma maneira de sair da universidade e entrar na escola, conhecendo também o ambiente escolar dos alunos que participam do projeto.

M.F. – Quando vocês estabelecem esta parceria com o Segundo Tempo vocês passam a receber todos os materiais que o projeto tem? E o projeto também tem o Recreio nas Férias, vocês passam a fazer estes mesmos projetos?

A.B. – Nós já tínhamos muitos materiais, então quando surgiu essa parceria do Segundo Tempo, alguns materiais foram renovados e outros adquiridos. Também nós temos livros de literatura infantil e filmes que as crianças podem locar sem custo algum.

M.F. – E este é o formato do início dele.

A.B. – Sim

M.F. – E agora é um núcleo.

A.B. – É.

M.F. – É um núcleo ESEF?

A.B. – É, é um Projeto de Inclusão Social na ESEF. O horário do turno da manhã é das nove horas às onze horas e trinta minutos, e o turno da tarde é das catorze horas às dezessete horas e trinta minutos.

M.F. – E aos sábados?

A.B. – A informática é um período para cada turma, que vai dos iniciantes, intermediários aos mais avançados na informática.

M.F. – E vocês já estão desde 2009, vocês participaram de algum processo de formação?

A.B. – Sim, sempre. Tanto o coordenador geral, quanto os coordenadores de núcleos e professores bolsistas.

M.F. – E os professores bolsistas são alunos?

A.B. – Sim, são alunos.

M.F. – É um pré-requisito?

A.B. – Sim, o professor bolsista deve ter vínculo com a Universidade, estar inserido na graduação ou pós-graduação.

M.F. – E eles trabalham assim quanto tempo? Como?

A.B. – O professor bolsista do Segundo Tempo cumpre quatro turnos no projeto frente a aluno e também participa de reuniões mensais e semanais, para elaborar as atividades do mês, discutir as dificuldades da semana, atitudes das crianças e estratégias pedagógicas. Para cada mês é desenvolvido um tema, como por exemplo, saúde e alimentação, saúde e higiene, preservação do meio ambiente.

M.F. – Na tua avaliação do processo tem assim, quais os pontos positivos assim que você vê do programa, do Segundo Tempo, a partir do momento que você já tava desenvolvendo um outro projeto? E quando chega o Segundo Tempo, você tem uma avaliação, o que você aponta como positivo?

A.B. – A primeiro ponto positivo é a comunicação, a gente ter uma sede do Segundo Tempo aqui na ESEF, onde o professor Ricardo⁴ coordena um dos núcleos do Segundo Tempo é muito bom. Outro ponto positivo são os materiais pedagógicos enviados pelo Ministério dos Esportes, mas eu acho que muito mais que isso foi a mudança no lanche, que até então era uma barrinha de cereal e leite com achocolatado doado pelo do banco de alimentos, agora com o Segundo Tempo, a gente tem uma variedade e quantidade maior de lanche.

M.F. – Do teu ponto de vista o projeto do Segundo Tempo ele tem uma proposta de inclusão social através do esporte, você acha que esta inclusão social ela é feita?

A.B. – Sim, a proposta de inclusão no nosso projeto é realizada.

M.F. – Tem mesmo assim nesta faixa? Porque ele, a proposta do Segundo Tempo é esta, a inclusão através do esporte.

A.B. – Essa já era a nossa proposta, o que fizemos é dar continuidade ao nosso trabalho. A parceria com o Segundo Tempo reafirmou nossa proposta em buscar estratégias para realmente acolher cada vez mais crianças que têm essa vulnerabilidade social e que precisam ser assistidas mais de perto na sua formação.

M.F. – E em relação às capacitações, como que você avalia as capacitações, como que você pensa sobre? [INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO]

A.B. – O grupo que participou da última capacitação gostou muito, mas na opinião dos professores seria melhor se essa capacitação fosse diretamente na sede do projeto, assim todos os envolvidos com o projeto poderiam participar.

M.F. – E na sua opinião, o que é possível para o programa se qualificar ainda mais? Do seu ponto de vista como parceira. O que você apontaria como uma necessidade, como o Programa Segundo tempo se qualificar mais em sentido de atender o Quero-Quero, essa parceria...

⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

A.B. – Olha eu acredito que quanto mais Programa Segundo Tempo oferecer capacitações, encontros semestrais, oficinas práticas com todos os projetos, será ótimo. Acredito que seria uma boa iniciativa do programa capacitar com mais frequência.

M.F. – E em relação à infraestrutura?

A.B. – A infraestrutura, é modesta. A sede, que nós chamamos de casinha, precisa de reformas urgente.

M.F. – Ela começou ali mesmo? Foi sempre ali?

A.B. – Sim, sempre foi naquela casinha, em dias de chuva as crianças são dispensadas. A sede não tem uma infraestrutura para receber as crianças nos dias de chuva. Nós precisaríamos, em parceria com a ESEF e o Segundo Tempo, melhorar a nossa sede, com mais banheiros e salas maiores para realizar atividades em dias de chuva.

M.F. – Como é que nasceu o Quero-Quero aqui, como que ele nasce aqui, você estava no início?

A.B. – Eu não estava no planejamento do projeto inicial, mas eu sei como foi o contato inicial. Esse contato partiu do Instituto Ayrton Senna com a UFRGS⁵, outra sede no Rio Grande do Sul foi na UNISINOS⁶. O primeiro coordenador geral foi o professor Ricardo onde começou a estruturar o projeto junto com a professora Nádia⁷, vice-coordenadora, e foram buscando parcerias com os outros cursos. Foi assim que começou.

M.F. – E você entra a partir de quando?

A.B. – Eu entro a partir de 2005.

M.S. – Você entra na condição de bolsista também?

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos

⁷ Nádia Cristina Valentini

A.B. – Eu estava fazendo o meu doutorado, eu entrei como coordenadora pedagógica voluntária e também ministrado aulas. Fui a primeira professora a trabalhar com crianças de cinco e seis anos de idade, até então era só a partir dos sete anos.

M.F. – Que era esta coisa de vocês se reunirem?

A.B. – As reuniões são para discutir, debater questões importantes do dia- a dia no projeto. É um momento de orientação, de suporte aos professores bolsistas.

M.F. – Ajudar a escolher os temas a serem trabalhados...

A.B. – Sim, toda essa parte de planos de aula, de projetos a serem trabalhados no mês são discutidos. Esse ano assumi a coordenação geral, mas procuro manter sempre o contato com os outros coordenadores, o professor Ricardo e a professora Nádia.

M.F. – Interessante que são pessoas que já estão desde o início nisso tudo. Isso é muito bom né?

A.B. – É.

M.F. – Isso é positivo? O que você acha disso?

A.B. – Eu acho muito bom porque são professores que mesmo não estando engajados diariamente com o projeto, continuam sendo muito comprometidos e parceiros com o projeto. Eu sei que posso contar com eles sempre.

M.F. – E as parcerias com os outros cursos, você acha que elas vêm se fortalecendo?

A.B. – Acho que não, firmamos bem com a psicologia! Uma ótima parceria e que vem dando certo.

M.F. – Vocês chegaram a experimentar o Recreio nas Férias? Que é uma proposta um pouco diferenciada, sair do espaço, passear, levar as crianças... Tiveram isso, essa proposta que tem do Segundo Tempo?

A.B. – Funciona. Nós chamamos de Colônia de Férias, que são atividades organizadas com uma dinâmica diferente, como por exemplo: com atividades que ainda eles não trabalharam durante o ano, passeio no Jardim Botânico, etc... Mas nesse período tem uma queda bem grande do número de participantes

M.F. – Mas é que a proposta é de sair mesmo, para trabalhar uma coisa mais de buscar experiências culturais, de espaços públicos diferentes que eles normalmente não vão?

A.B. – É, no Museu da PUCRS⁸ nós já fomos também. Procuramos no mês de janeiro fazer atividades totalmente diferentes.

M.F. – Você acha importante preservar a memória do Quero-Quero?

A.B. – Acho.

M.F. – Acha? Por que você acha?

A.B. – Porque, às vezes, quem chega não sabe a trajetória, não sabe o que foi o projeto. Tem uma bola de tênis enorme assinada pelo Guga, recebemos em um encontro com projetos sociais do Rio Grande do Sul. Eu acho muito importante registrar toda a trajetória, no momento nosso registro maior é por fotos tiradas em cada evento.

M.F. – Olha que interessante, a gente pode fotografar esta bola para colocar no nosso Memorial?

A.B. – Sim, e ele fez uma dedicatória “Ao Projeto Quero-Quero, Guga Kuerten”. Lindo, tá lá em cima da nossa estante.

⁸ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

M.F. – Você acha que este espaço, a ESEF não poderia auxiliar numa ampliação? Fazer uma área mais aberta?

A.B. – Olha, a coordenação passada conseguiu uma estrutura metálica da Gerdau, uma estrutura de duzentos metros quadrados, o que falta é levantar as paredes e conseguir um lugar aqui na ESEF

M.F. – Vocês têm é?

A.B. – Nós temos, conseguimos em 2008. Temos todo o projeto para a construção... Mas como a ESEF também está passando por uma reestruturação, talvez a gente perca aquele espaço, daí não sei para aonde vamos, mas isso é...

M.F.. – É a de virgem...

A.B. – É, vamos aguardar....

[FINAL DO DEPOIMENTO]